

News Paper®



Informativo
Setorial ANDIPA

Nesta edição

Embalagem para papel imune será obrigatória a partir de 1º de outubro

Setor pede tolerância de 10% nas licenças de importação

Venda interna de papel nacional cresce e ocupa espaço de importação menor

Importado custa o dobro do exportado na balança comercial da indústria gráfica

Aumento do imposto de importação: Corrigir. Não reincidir

A reincidência no equívoco já lamentado seria um retrocesso sem precedentes no setor papelero no Brasil, afetando drasticamente o segmento da distribuição e seus clientes gráficos. Elevar a alíquota do imposto de importação para papéis, que são quase que exclusivamente imunes, foi um erro que precisa ser corrigido, jamais reiterado, como pode ocorrer com a iminente inclusão de novas NCMs.

Editorial - página 2

Cai importação de papel

No acumulado até abril, as importações de papéis tiveram quedas em todos os grupos de papéis de imprimir e escrever.

Ver páginas 5 a 8

Expediente

NewsPaper Informativo Setorial ANDIPA é uma publicação bimestral da ANDIPA - Associação Nacional dos Distribuidores de Papel. Direitos autorais reservados. Publicado em 14.06.2013

Contatos

Telefone: (11) 3044-2214
E-mail: andipa@andipa.org.br

Presidente

Vitor Paulo de Andrade

Diretoria

Antonio Manoel de Mattos Vieira Neto
José Luiz Barbosa Leonardos
Marcelo Patury Accioly

Presidente Executivo

Vicente Amato Sobrinho

Assistente Administrativo

Assistente de Diretoria

[Iolanda Moretti](#)

[Edna Souza](#)

Assessoria de Comunicação e Conteúdo

Editorial [Keser Serviços de Comunicação](#)

Jornalista Responsável

[Rosangela Valente - Mtb 121/MS](#)

rosangelavalente@uol.com.br

Aumento do imposto de importação: Corrigir. Não reincidir

Embora possam provocar males irreversíveis, os erros são frequentes e acometem até os mais rigorosos padrões. O que se faz diante do erro revelado é o que distingue as intenções e preserva o justo e leal equilíbrio das relações, sejam quais forem. Uma vez alertado, aquele que persiste no erro demonstra uma teimosia, que deixa margem a interpretações e insegurança quanto aos reais interesses nos efeitos de suas decisões.

Infelizmente o setor papelero no Brasil foi exposto a essa situação, com a iminente inclusão de outros itens de papel na lista de produtos para elevação do imposto de importação. Historicamente enfrentando a perniciosa presença do desvio de finalidade do papel imune, o setor vê suas conquistas recentes e seus esforços de moralização se esvaindo, quando os infratores são premiados com aumento de imposto, o que distancia ainda mais os preços do produto em função de sua aplicação.

Desde setembro passado, quando foi anunciada a lista de cem produtos com aumento temporário de imposto de importação, que incluiu três tipos de cuchês e o MWC, a ANDIPA tem ampliado seu vocal, alertando para o lamentável equívoco da medida que originalmente visava à proteção comercial. Na prática, aumentou-se o imposto de papéis que são importados prioritariamente com imunidade tributária. Se não gera receita adicional ou tão pouco inibe as compras externas pela dependência de abastecimento, o aumento premia os infratores que usam do benefício constitucional de forma criminosa, vendendo papéis para outros fins.

Através de cartas, reuniões e publicações, a ANDIPA tem insistentemente tentado esclarecer aos *players* do setor e aos técnicos do governo que o aumento do imposto de importação (pleiteado pelas indústrias nacionais) foi um equívoco, acatado e mantido desde a vigência da norma, em outubro passado. Pela Resolução Camex N° 70, a

alíquota passou de 14% para 25% e vigora por 12 meses, podendo ser prorrogada por igual período.

Oito meses se passaram sem que o aumento fosse revogado, apesar do pedido de revisão ainda tramitar na Camex. Ao contrário disso, a situação pode ser agravada em função do novo processo para inclusão de outras NCMs de papéis – desta vez o ofsete – na ampliação da lista de exceções que está à mesa das autoridades, novamente por solicitação dos produtores nacionais.

Sob o falacioso argumento de combate às fraudes que envolvem o papel imune, foram desencadeadas ações extemporâneas que produziram efeito contrário. Reafirmamos exaustivamente que o caminho para uma solução saudável e duradoura, de forma que as condições sejam favoráveis à legalidade, é exatamente a redução da carga tributária do papel. Reduzindo a ‘margem’ estaremos sufocando o mercado clandestino de papel, premiando aqueles que são os contribuintes de impostos e capazes de gerar emprego, renda e receita aos cofres públicos. Esta é a meta que perseguimos e devemos começar abolindo o aumento do imposto de importação.

Percebemos que o governo compreendeu nossos argumentos e está empenhado em reverter o aumento tarifário, esse que é o maior erro na batalha contra a destinação fraudulenta do papel imune. No entanto, os agentes reguladores ainda recebem informações erradas, em insistentes ações que conflitam interesses setoriais. Ao vencermos os entraves internos, mobilizando os segmentos envolvidos na cadeia produtiva, poderemos avançar significativa e efetivamente na legalização do setor papelero, único meio capaz de nos proporcionar melhores resultados individual e coletivamente. Chega de equívocos e lamentos.

Vitor Paulo de Andrade

Embalagem para papel imune será obrigatória a partir de 1º de outubro

A demonstração de união do setor papelero junto ao governo resultou na publicação de uma nova normativa, regulamentando mais adequadamente o Artigo 2º da Lei 12.649/2012, que estabelece a exigência de embalagens diferenciadas para os papéis imunes, destinados constitucionalmente à impressão de livros e periódicos. A partir de 1º de outubro, fabricantes, importadores e comerciantes de papel (detentores de registro especial de papel imune) estão obrigados a cumprir a Instrução Normativa 1.341, de 02 de abril, sob pena de não ter reconhecida, para fins fiscais, a regularidade da destinação do papel, conforme descrito no art. 3.

Prevista inicialmente para vigorar a partir de 1º de julho, através da normativa 1.316/2013, a regulamentação deixava dúvidas e lacunas que poderiam inviabilizar a adoção da embalagem de papel imune, como importante mecanismo de controle e fiscalização para coibir fraudes com o desvio de finalidade do produto. Após a mobilização das entidades, o texto foi substituído e estabelecido novo prazo de vigência.

Todos os produtos comercializados no Brasil a partir de 1º de outubro devem ter em destaque na embalagem a expressão PAPEL IMUNE, que deve

seguir as especificações da normativa para cada formato. Os estoques até o dia 30 de setembro deverão ter controle individualizado e sua documentação fiscal comprobatória deve estar disponível para fiscalização.

Bracelpa divulga manual para rotulagem

A fim de padronizar a implantação da embalagem identificada pelos fabricantes nacionais, a Bracelpa desenvolveu um manual ilustrando o texto da norma. Oficialmente, a Secretaria da Receita Federal informou à ANDIPA que não há um modelo definitivo a ser homologado, devendo cada fabricante seguir as características descritas na normativa de acordo com o tipo de embalagem.

Mesmo assim, a ANDIPA considera importante a divulgação da cartilha para que toda a comunidade papelera, especialmente os consumidores (editores e gráficos) fiquem atentos ao novo padrão legal das embalagens dos papéis imunes de tributos. “Desta forma, estamos deixando explícita a destinação do papel e expondo o ilícito, antes mascarado em pseudo legalidade, por permitir o argumento de desconhecimento da origem fraudulenta do papel”, avalia o presidente executivo Vicente Amato Sobrinho.

Setor pede tolerância de 10% nas licenças de importação

O rigor quanto ao volume do papel a ser importado especificado na licença prévia tem provocado transtornos e onerado as operações de desembaraço das mercadorias. A solução é considerar uma margem de tolerância, que permita a oscilação de até 10% no peso informado no pedido da Licença de Importação (LI), evitando assim a solicitação de LI substitutiva. Este foi o pedido apresentado à Secretária de Comércio Exterior, do Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio (MDIC), Tatiana Lacerda Prazeres, em mais uma ação conjunta das entidades do setor – ANDIPA, Abigraf, ANER e Sinapel.

Os problemas enfrentados pelos importadores foram apresentados à secretária em audiência em Brasília,

no mês de maio, da qual participaram representantes das entidades. Surpreendida pela morosidade relatada, Tatiana Prazeres solicitou levantamento interno para avaliar a questão e, então, posicionar-se sobre o pleito.

Conforme apurado pelo setor, a LI substitutiva tem demorado, em média, dez dias para ser liberada. Em geral, este documento visa apenas correção do peso, uma vez que é impossível precisar no pedido a quantidade e a LI substitutiva só pode ser solicitada após o embarque. Com isso, há casos em que a mercadoria chega antes da liberação da licença, o que gera novos e onerosos custos de armazenagem.

Comitê setorial cria grupos de trabalho

Após a reunião inaugural, em abril, o Comitê da Cadeia Produtiva do Papel, Gráfica e Embalagem – COPAGREM, ligado à Federação das Indústrias do Estado de São Paulo – FIESP, criou cinco grupos de trabalho para concentrar as discussões dos temas de cada área. Composto por cerca de 30 entidades entre associações e sindicatos, o novo colegiado se reúne mensalmente na sede da FIESP, em São Paulo.

Nas duas primeiras reuniões foram apresentados alguns assuntos e estabelecidos os grupos de trabalho (GT), que devem levar as propostas de encaminhamentos no encontro de junho, previsto para o dia 18. Os grupos são: Papel; Valorização da Comunicação Impressa; Sustentabilidade; Tributação da Cadeia Produtiva; e Competitividade. Representando os distribuidores, a ANDIPA participa do GT Papel e o Sinapel, do GT Tributação.

Assuntos

A pauta inicial teve apresentação de nova campanha de valorização do papel, seguindo padrão internacional implantado em outros países. Outro tema das reuniões foi a proposta de um novo modelo tributário para papel imune, apresentada pelo diretor do Departamento de Relações Internacionais e Comércio Exterior da FIESP, Roberto Giannetti da Fonseca.

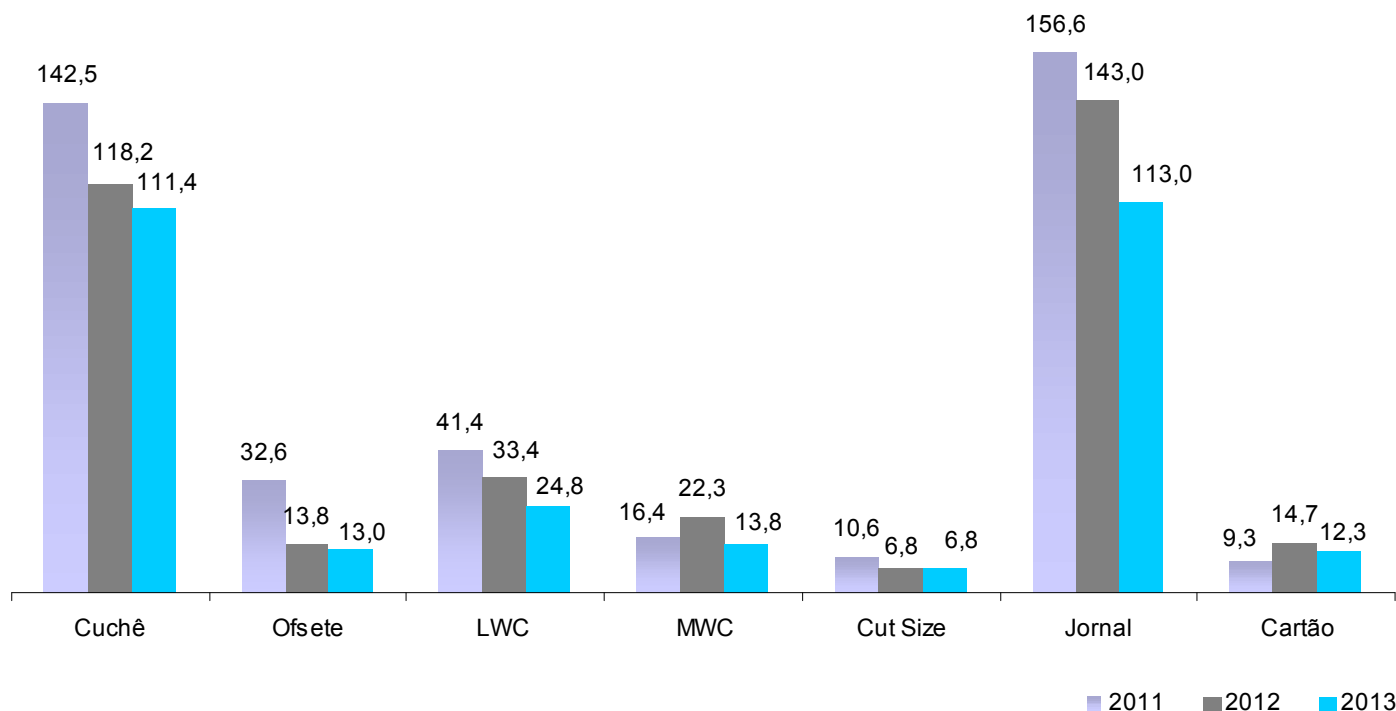
A Política Nacional de Resíduos Sólidos e seus impactos para o setor foram abordadas pelos especialistas convidados José Valverde Machado Filho, secretário parlamentar, e Ricardo Garcia, do Departamento de Meio Ambiente da FIESP. Todos os assuntos seguem na pauta do Comitê, através dos grupos de trabalho.

Importação de papel diminuiu em 2013

O primeiro quadrimestre do ano registrou queda nas importações de papéis, em comparação com igual período de 2012. Conforme os dados divulgados pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex), do Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio (MDIC), o ritmo das importações diminuiu este ano nos sete grupos de papéis acompanhados pelo NewsPaper. Em quatro categorias de papéis, entre elas o *cuchê*, o volume foi o menor dos últimos quadrimestres.

O acompanhamento, junto ao Sistema AliceWeb, abrange o somatório das importações brasileiras dos papéis de imprimir e escrever (I&E) dos tipos *cuchê*, *ofsete*, LWC, MWC e *cut size*, além de cartão e jornal. A ANDIPA observa que a análise dos números oficiais da Secex retrata as condições do mercado e da economia brasileira vivenciadas nos primeiros quatro meses deste ano.

Importação de papéis - 1º quadrimestre em mil toneladas



Fonte: Aliceweb – Secex / MDIC

Cuchê, quadrimestre de menor volume

Principal item na pauta de importações de papel de imprimir e escrever, até abril, o cuchê somou 111,4 mil toneladas nas quatro NCMs que englobam seus diferentes formatos e especificações. É o menor volume no acumulado do quadrimestre em comparação com os períodos anteriores. Nos quatro primeiros meses do ano passado, a Secex registrou a entrada de 118,2 mil toneladas de cuchê. Nos quatro meses seguintes, as importações aumentaram, totalizando 130 mil toneladas, voltando a cair no acumulado de setembro a dezembro de 2012, com a entrada de 115,8 mil toneladas de cuchê. Nos doze meses de 2012, foram importadas 363,9 mil toneladas de cuchê.

Considerando o resultado mensal, em abril as importações de cuchê cresceram 35,5% em relação a março, com 32,3 mil toneladas e 23,8 mil toneladas, respectivamente. Ainda assim, o volume foi 6% menor que no mesmo mês de 2012 (34,3 mil toneladas). A queda no total de 2013 é reflexo do segundo bimestre, que teve recuo de 17% ante a igual período de 2012, passando de 67,5 mil toneladas para 56,1 mil toneladas.

LWC

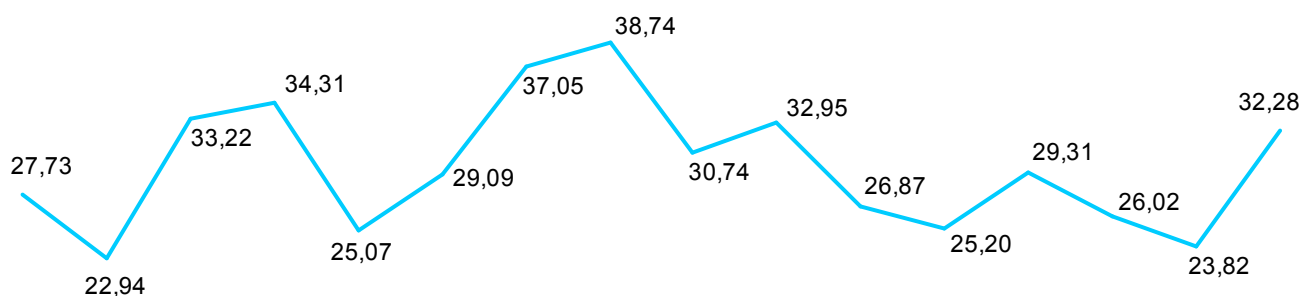
Com segundo maior volume de importações entre os papéis de imprimir e escrever, o tipo LWC somou 24,8 mil toneladas este ano, 25,6% menos que em igual período de 2012 e 40% abaixo das 41,4 mil toneladas internalizadas entre janeiro e abril de 2011.

Isoladamente, o número de abril mostra crescimento nas importações de LWC, que atingiram 7,9 mil toneladas, o maior total mensal do ano. Volume ainda muito aquém do recorde de 2012, de 12,5 mil toneladas de LWC desembarcadas em maio.

No ano passado, as importações destes papéis fecharam os três quadrimestres em trajetória descendente – 33,4 mil toneladas, 31,5 mil toneladas e 22,7 mil toneladas – totalizando 87,6 mil toneladas.

O volume de LWC estrangeiro no mercado brasileiro vem caindo anualmente, como mostra o histórico da Secex. Em 2011, as importações de LWC somaram 103,9 mil toneladas, 13,5% menos que as 120 mil toneladas desembarcadas no ano anterior.

Importação de cuchê em mil toneladas



jan/12 fev/12 mar/12 abr/12 mai/12 jun/12 jul/12 ago/12 set/12 out/12 nov/12 dez/12 jan/13 fev/13 mar/13 abr/13

Queda se repete em outros tipos de I&E

Percentualmente a maior retração foi nas entradas do papel MWC, quando comparados os primeiros quatro meses do ano. Foram importadas 13,8 mil toneladas entre janeiro e abril deste ano, 38% menos que as 22,3 mil toneladas de igual período de 2012. Em relação ao quadrimestre anterior, setembro a dezembro de 2012 (20,5 mil toneladas), a queda foi de 32,5%. A presença de MWC estrangeiro no mercado brasileiro vinha crescendo anualmente, registrando 35,3 mil toneladas em 2010, 52,5 mil toneladas no ano seguinte e fechando 2012 com 61,5 mil toneladas.

A presença de papéis tipo ofsete produzidos no exterior abastecendo o mercado nacional também vem diminuindo. Dados da Secex mostram que as importações destes itens caíram de 94,1 mil toneladas em 2010 para 90,1 mil toneladas em 2011, com novo recuo no ano seguinte, para 50,8 mil toneladas. Analisando apenas os quatro primeiros meses, o volume deste ano (13 mil toneladas) ficou 5,9% abaixo do importado no mesmo período do ano passado (13,8 mil toneladas). A retração chega a 28,5% se comparado ao total do último quadrimestre de 2012 (18,2 mil toneladas).

O papel cortado, *cut size*, é o segmento com menor presença de produto estrangeiro do grupo acompanhado pelo NewsPaper. De acordo com a Secex, foram importadas 6,8 mil toneladas de *cut size* entre os meses de janeiro e abril deste ano. Exatamente a mesma quantidade apurada em igual período do ano passado. Neste grupo, a participação das importações também é descendente. O resultado anual caiu de 32,4 mil toneladas em 2010 para 29,4 mil toneladas em 2011 e novamente no ano passado, que somou 20,5 mil toneladas.

No segmento cartão, as importações até abril somaram 12,3 mil toneladas 16,3% menos que as 14,7 mil toneladas registradas no primeiro quadrimestre de 2012. Apesar dessa queda, a presença do fornecedor externo de cartão apresenta histórico anual crescente. Em 2012 foram importadas 34,8 mil toneladas de papel cartão. Em 2011, a Secex computou a entrada de 31,3 mil toneladas de cartão, o que corresponde a um aumento superior a 25% no comparativo com 2010, que totalizou 24,9 mil toneladas.

Consumo de papel jornal diminuiu

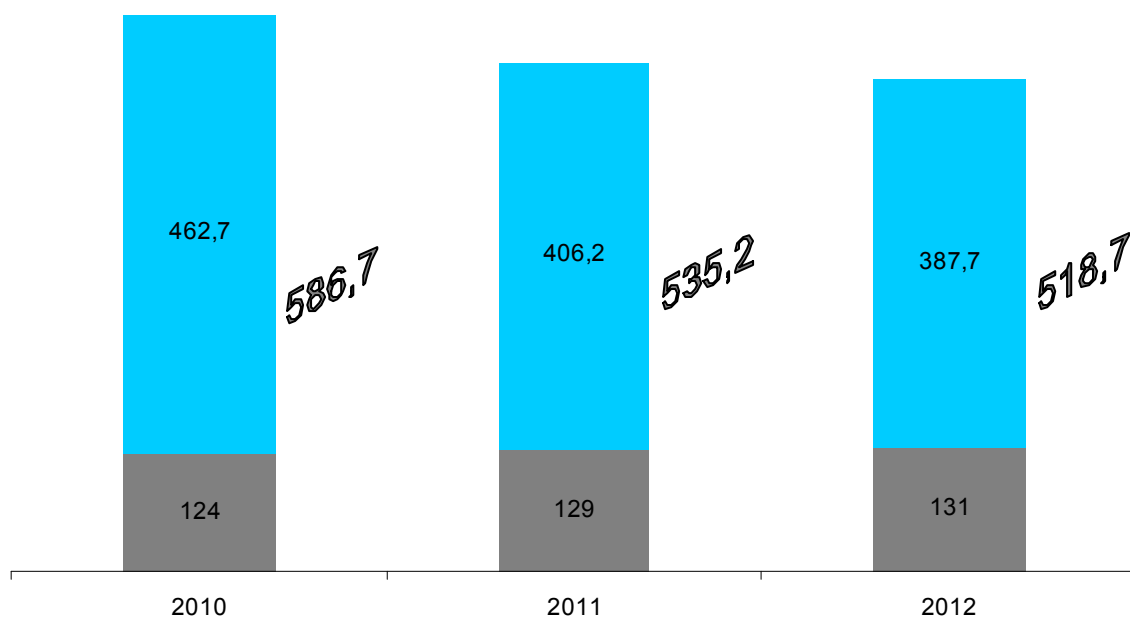
Mesmo dependente das importações para abastecer o mercado brasileiro, o segmento de papel jornal também vem apresentando retrações. As entradas de jornal nos primeiros quatro meses deste ano caíram 21% em relação ao mesmo período do ano anterior. Segundo os números da Secex, este ano, foram importadas 113 mil toneladas de papel jornal ante as 143 mil toneladas do primeiro quadrimestre de 2012.

O resultado acumulado anual mostra a queda nos volumes importados pelas empresas brasileiras. Em 2010, 462,7 mil toneladas de papel jornal estrangeiro desembarcaram no País, volume que caiu 12% no ano seguinte, com a entrada de 406,2 mil toneladas. No ano passado nova redução de 4,6%, somando 387,7 mil toneladas de jornal importadas.

Considerando que a capacidade de produção nacional de papel jornal é restrita a cerca de 130 mil toneladas ao ano, o abastecimento de 75% a 80% do mercado brasileiro depende do produto estrangeiro. De acordo com dados do relatório Conjuntura Setorial da Bracelpa, a produção nacional apresentou ligeira alta nos últimos anos, subindo de 124 mil toneladas em 2010, para 129 mil toneladas no ano seguinte e somando 131 mil toneladas de jornal no ano passado.

A queda mais acentuada na demanda ao mercado externo comprova que o consumo de papel jornal no Brasil caiu 11,6% nos últimos três anos. Somados os volumes de importação e a produção nacional, foram consumidas 518,7 mil toneladas de jornal no ano passado, 68 mil toneladas a menos que as 586,7 mil toneladas de 2010.

Consumo aparente anual de papel jornal em mil toneladas



Fonte: Aliceweb – Secex / MDIC e Conjuntura Setorial Bracelpa

■ Produção Nacional ■ Importação

Venda interna de papel nacional cresce e ocupa espaço de importação menor

Os fabricantes nacionais de papéis para imprimir e escrever (I&E) aumentaram em 4,4% suas vendas internas, o equivalente a 21 mil toneladas a mais no primeiro quadrimestre deste ano quando comparado ao mesmo período de 2012. Este excedente veio da redução das exportações, da ordem de 15%, 55 mil toneladas que deixaram de ser ofertadas ao mercado externo. No mesmo intervalo, as empresas brasileiras frearam as importações em 10%, comprando 23 mil toneladas a menos em relação ao ano anterior. Os dados fazem parte do relatório Conjuntura Setorial da Bracelpa, divulgado mensalmente com os principais números do setor de papel e celulose.

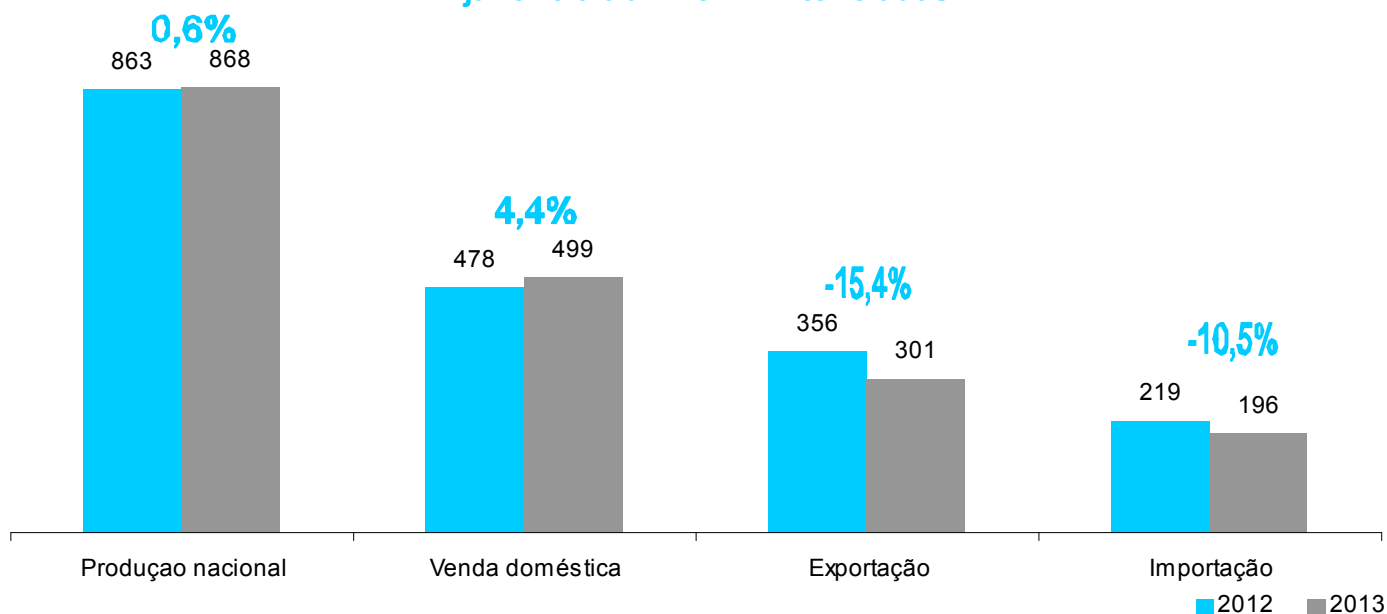
De acordo com o documento, de janeiro a abril a produção total de papel nacional foi 3.435 mil toneladas, deste total 868 mil toneladas correspondem aos papéis para imprimir e escrever, apenas 5 mil toneladas a mais que nos primeiros quatro meses do ano anterior. Desta produção, 499 mil toneladas foram vendidas internamente e 301 mil toneladas foram exportadas. Até abril de 2012, a produção geral foi de 3.369 mil toneladas, sendo 863 mil toneladas de I&E, das quais 478 mil toneladas saíram como venda doméstica e 356 mil toneladas com destino à exportação.

Ainda segundo dados do relatório, no primeiro quadrimestre de 2013 as importações somaram 196 mil toneladas, considerando todos os tipos de papéis destinados à impressão e escrita. No período equivalente de 2012, foram importadas 219 mil toneladas destes itens.

Nos dados sobre o consumo aparente, o relatório considera a produção, as entradas e saídas de papéis, sem levar em consideração as vendas domésticas dos fabricantes nacionais. Com isso, o total inclui o possível estoque acumulado nos pátios industriais. Se considerados apenas os papéis ofertados ao mercado, o consumo ficou praticamente estável, com discreta redução de 0,3%.

Nos quatro primeiros meses deste ano foram consumidas 695 mil toneladas de papéis para imprimir e escrever, sendo 499 mil toneladas produzidas internamente e 196 mil toneladas importadas. Da mesma forma, entre janeiro e abril de 2012, o mercado brasileiro consumiu 697 mil toneladas, das quais 478 mil toneladas provenientes de vendas domésticas e 219 mil toneladas fabricadas em outros países.

Papéis de Imprimir e Escrever janeiro a abril - em mil toneladas



Fonte: Conjuntura Setorial Bracelpa / N° 54 - maio 2013

Importado custa o dobro do exportado na balança comercial da indústria gráfica

As empresas brasileiras gastaram US\$ 130,83 milhões na importação de produtos gráficos, equivalentes a 19,59 mil toneladas, entre os meses de janeiro e março deste ano. Já as exportadoras faturaram US\$ 68,69 milhões com a venda de 19,98 mil toneladas de impressos. Em média, cada tonelada importada custou US\$ 6.676, 94% mais caro que a tonelada exportada, que saiu a US\$ 3.438.

Os dados da balança comercial setorial são da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) e fazem parte de boletim sobre a balança comercial elaborado pela Associação Brasileira da Indústria Gráfica (Abigraf). A análise preparada para o NewsPaper demonstrou que quatro dos nove segmentos do setor gráfico têm demanda por produtos industrializados de maior valor agregado, enquanto suas ofertas ao mercado externo se concentram em itens com menor potencial de geração de riqueza e renda em sua produção. O desequilíbrio dos valores da balança comercial está distribuído entre os segmentos cartão (tipo magnéticos), embalagens, cadernos e envelopes, conforme quadro abaixo. Já os resultados dos produtos editoriais, promocionais, etiquetas e fiscais apresentaram valores médios de exportação maiores, sem garantir superávit em função do volume comercializado.

No primeiro trimestre deste ano, a indústria gráfica acumulou déficit de US\$ 62,14 milhões na balança comercial. No entanto, se fosse considerado o volume

negociado, o saldo do setor seria superavitário em 381 toneladas, no primeiro trimestre deste ano.

Em valores, apenas os segmentos de caderno e envelopes apresentaram superávit no período, com US\$ 2,58 milhões e US\$ 59 mil, respectivamente. Estes saldos foram obtidos por maior volume de exportações, o que ainda assim não assegurou melhores preços médios em comparação com as importações. Os envelopes produzidos em outros países custaram, em média, US\$ 10.076 a tonelada, 256% mais caros que os US\$ 2.827 por tonelada recebidos na venda do produto brasileiro. Já no segmento de cadernos, as importações custaram 92% mais que as exportações, derrubando o saldo da balança que em toneladas deu vantagem de 389% ao produto brasileiro. Por 2.292 toneladas de cadernos exportados, entraram no País US\$ 4,25 milhões, enquanto as importações de 469 toneladas fizeram sair US\$ 1,67 milhão.

As embalagens lideraram a balança comercial em volume, com 16,63 mil toneladas exportadas e 10,78 mil toneladas importadas, deixando saldo positivo de 5,85 mil toneladas, que compensou o desequilíbrio em outros segmentos. Em valores, o segmento ficou em segundo lugar (US\$ 26,83 milhões), perdendo para os cartões, com US\$ 27,18 milhões. No topo da lista de importações aparece o segmento editorial (US\$ 43,39 milhões), seguido dos cartões (US\$ 33,86 milhões) e das embalagens (US\$ 28,55 milhões).

Balança comercial da indústria gráfica por segmento, com preço médio

Segmento	Exportação		Importação		Exportação	Importação
	US\$	toneladas	US\$	toneladas	US\$ / ton	US\$ / ton
Cartões	27.176.301	257,5	33.862.120	183,8	105.528	184.276
Embalagens	26.827.293	16.627,9	28.549.602	10.780,9	1.613	2.648
Editoriais	5.185.243	349,8	43.389.200	5.764,2	14.822	7.527
Cadernos	4.247.036	2.292,2	1.669.024	468,8	1.853	3.561
Promocionais	3.078.634	179,8	13.668.883	1.285,4	17.124	10.634
Etiquetas	1.492.645	106,6	8.565.840	775,6	14.003	11.044
Fiscais	340.665	108,4	749.135	318,8	3.144	2.350
Formulários	205.276	6,9	297.258	10,0	29.850	29.759
Envelopes	134.620	47,6	75.492	7,5	2.827	10.076
Total	68.687.713	19.976,6	30.826.554	19.594,9	3.438	6.677

Mercado externo: venda recua, compra cresce e puxa déficit

O déficit da balança comercial do setor gráfico aumentou 13,3% no primeiro trimestre deste ano, em comparação com o período equivalente de 2012. Com a redução de 5,9% nas exportações e o crescimento de 2,3% nas importações, o setor acumulou saldo negativo de US\$ 62,14 milhões até março de 2013. Nos três primeiros meses do ano passado, as entradas superaram as saídas em US\$ 54,84 milhões.

Em volume, o comportamento foi semelhante, de acordo com dados da Secex, compilados pelo Departamento Econômico da Abigraf. Em toneladas, as exportações diminuíram 1% e as importações cresceram 2,1% em relação ao movimentado nos três primeiros meses do ano anterior.

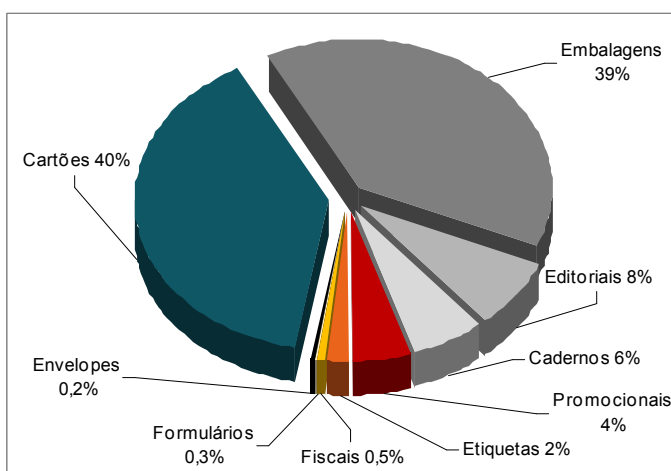
No comparativo, neste ano quatro dos nove segmentos tiveram receita menor nas exportações do que em 2012. O grupo dos formulários registrou a maior queda (54,8%), seguido pelo editorial (33%), o promocional (10,4%) e as embalagens (5,22%). Os segmentos que ampliaram em dois dígitos as vendas externas foram os com menor participação na balança comercial - fiscais (36%), etiquetas (14,8%) e envelopes (14,4%) - interferindo pouco no resultado total do setor.

Considerando as importações de produtos gráficos em dólares, a oscilação negativa foi mais discreta, sendo a maior variação de 4,9% nos valores pagos por envelopes produzidos em outros países. Liderando as importações, com 33% do gasto total, o setor editorial encolheu 3,8% em valores e 4% no volume importado no período. Dentre os segmentos que movimentaram valores maiores este ano estão os formulários (45,8%), fiscais (30,4%), promocionais (14,3%), cadernos (11,3%) e etiquetas (6%).

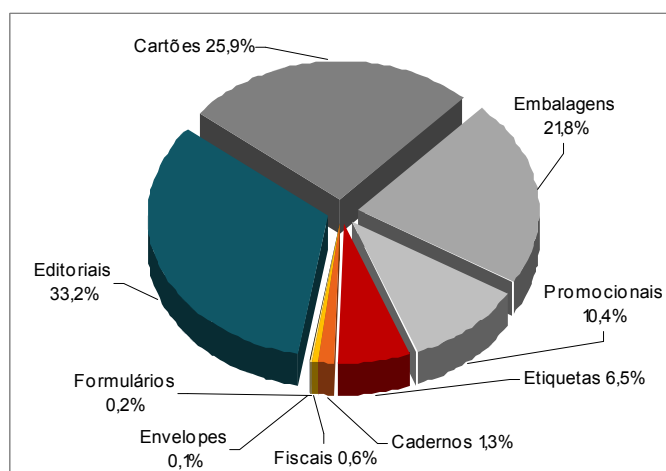
Anual

O crescimento de 10,7% nas exportações e a redução de 5% nas importações fizeram recuar em 19% o déficit da balança comercial da indústria gráfica no ano passado ante 2011. O saldo negativo foi de US\$ 238,7 milhões, contra US\$ 295,5 milhões no ano anterior. No geral, em 2012 foram despachadas 85,8 mil toneladas de impressos ao custo de US\$ 298,2 milhões, e recebidas 93,8 mil toneladas no valor de US\$ 536,8 milhões.

Participação dos segmentos gráficos no primeiro trimestre de 2013 nas exportações totais



nas importações totais



Editorial lidera déficit comercial, com 33% das importações gráficas

Um terço do valor das importações de impressos corresponde a produtos editoriais, especialmente livros, brochuras, jornais e periódicos. De acordo com os dados apurados, no primeiro trimestre deste ano as importações destes itens somaram US\$ 43,4 milhões, enquanto as exportações totalizaram US\$ 5,2 milhões, deixando saldo negativo de US\$ 38,2 milhões, 61,5% do déficit total do setor gráfico (US\$ 62,14 milhões).

Convertendo em volume, as compras externas de produtos editoriais representaram 5,7 mil toneladas. Descontadas as 350 toneladas referentes às vendas, o déficit foi de 5,4 mil toneladas.

Entre os itens editoriais, a relação de preço médio entre importação e exportação se inverte, de modo que os produtos brasileiros saem mais valorizados (US\$ 14.822 por tonelada) do que os adquiridos no mercado externo (US\$ 7.527 por tonelada).

O consolidado anual registrou crescimento de 2% no valor das exportações e queda de 4% nas importações de produtos editoriais. Porém, esses percentuais não afetam o saldo do segmento, que seguiu deficitário em 2012, com US\$ 160,7 milhões, 5% menor que os US\$ 169,4 milhões de 2011.

Considerando o volume anual, as importações de impressos editoriais recuaram 22,8%, de 34,8 mil toneladas em 2011 para 26,9 mil toneladas internalizadas no ano passado. Com a exportação se mantendo na faixa das 2 mil toneladas, o saldo negativo no volume negociado com o mercado externo também foi menor no período, totalizando 32,6 mil toneladas em 2011 e 24,6 mil toneladas no ano seguinte.

Focando apenas o primeiro trimestre, as importações este ano continuaram aquém de 2012. Os dados mostram queda de 3,8% nos valores e 4% no volume das entradas de produtos editoriais. As exportações também caíram no período, totalizando valor 33% abaixo de 2012, para a venda de volume 59% menor.

Promocional

Também fortemente ligado ao setor de distribuição de papel, o segmento de impressos promocionais é outro com predomínio das importações sobre as exportações. Mesmo diante da redução de 2% no volume, os gastos com a compra destes produtos cresceram 14,3% no primeiro trimestre do ano comparado a 2012. Já as vendas externas seguiram em baixa, deixando saldo negativo de US\$ 10,6 milhões. Nos três meses deste ano, os impressos

estrangeiros corresponderam a 19,6 mil toneladas, sendo 1,3 mil toneladas de promocionais.

No resultado anual, as importações destes itens cresceram 10,3%, com entradas em discreta queda, deixando déficit de US\$ 34,2 milhões em 2012, saldo 15,4% maior que no ano anterior.

Impactos

O mercado gráfico brasileiro é sensível às oscilações de oferta e demanda globalizadas, seja no produto acabado ou nos insumos, como o papel. Exemplo dessa relação tênue é o aumento da alíquota de importação de papéis destinados à impressão, como relatou Wagner Silva, gerente geral da Abigraf Nacional, convidado da audiência de maio do Conselho do Comércio Atacadista da Federação do Comércio (FecomércioSP). O imposto maior, segundo o executivo, “agravou o saldo comercial e a competitividade do setor”.

Outro fator crucial é a “invasão chinesa de livros no Brasil”, atingindo inclusive o programa nacional do livro didático, que representa 60% do mercado editorial, conforme ressaltou Wagner Silva.

O chamado Custo Brasil também aparece como um agravante na perda de competitividade do setor como um todo, forçando os empresários a buscar o mercado externo. De acordo com o executivo, exemplo é a situação de gráficas da região sul do país que focam nas exportações aos países vizinhos, deixando de atuar em São Paulo, que é o maior centro consumidor. Por esta razão, a Argentina foi o principal destino das exportações gráficas no primeiro trimestre deste ano, movimentando US\$ 10,18 milhões.

Vale ressaltar ainda que nem toda a exportação de produtos gráficos, em especial editoriais, corresponde a itens de fabricação nacional, assim como parte da importação não fica no consumo interno. O gerente da Abigraf observou que há casos de editoras importadoras que concentram no Brasil suas operações para a América Latina, contratam impressões no exterior e daqui redistribuem, provocando entradas e saídas na balança comercial do setor. “Como reflexo deste cenário temos o não investimento e o fechamento de postos de trabalho no setor gráfico”, avalia o executivo, elencando os esforços da entidade para solucionar os gargalos, enquanto apoia e incentiva a participação da indústria brasileira no mercado internacional.

Distribuidores Associados

